

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Vija

Class.:

153

Data

20 de julho de 1988

Pg.:

139

Arte

A filha pródiga

Regina Vater volta ao país e expõe novas obras

Passados dez anos de sua última exposição no Brasil, a artista plástica carioca Regina Vater, que vive nos Estados Unidos, está de volta — e com fôlego renovado. Regina é a grande estrela da exposição *Civilidades da Selva — Mitos e Iconografia Indígenas*, que até o próximo dia 14 de agosto ocupa o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC) e conta com a participação do mato-grossense Bené Fontelles, do amazonense Roberto Evangelista, da mineira Lucimar Bello e do paulista Marcos Conclio. A mostra permite avaliar a produção americana de Regina, que, paradoxalmente, é recheada de referências à cultura brasileira e em particular à mitologia indígena. Sua fixação é a passagem do tempo, representado pelo dualismo do coelho de *Alice no País das Maravilhas*, no papel do homem branco, e de Yauti, um jabuti indígena, que representa a solidariedade e a inteligência. Ambos presentes em instalações que reúnem fotografias, desenhos, carimbos e pequenas esculturas.

A história recorrente da corrida entre a lebre e a tartaruga — e as duas medidas de tempo embutidas nela — é a matéria-prima de Regina Vater, que desenvolve um trabalho dentro do que batizou “estética da precariedade”: o uso de materiais e técnicas pouco nobres, sem valor de mercado, que se transformam em obras refinadas. Seus objetos são cascos de tartaruga, peles e pedras, reciclados pelas composições que executa. Um casco que equilibra de maneira frágil uma cabaça indígena que, por sua vez, sustenta um arranjo plumário, executado em 1985, torna-se uma composição sutil e perturbadora, chamada *A Tartaruga Iroquesa*, numa referência à lenda dos índios americanos da tribo yurok na qual o planeta Terra é sustentado por uma tartaruga. Na mesma época, Regina criou *Flauta Tibia*, em que um casco trespassado repousa sobre areia pintada.

NÓ EM LAÇO — Instalações como essa poderiam conferir a sua autora, mesmo numa época de vale-tudo artístico, o rótulo de excêntrica. Essa classifi-

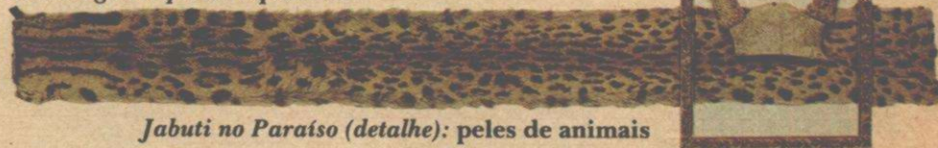


NELLIE SOLTRENNICK



FOTOS KEIJI KOBAYASHI

Tartaruga Iroquesa: equilíbrio



Jabuti no Paraíso (detalhe): peles de animais



Flauta Tibia: caminhos da “estética da precariedade”

cação sempre habitou as obras de Regina Vater. Em 1967, no auge da *Nova Objetividade* — a exposição que reuniu no Rio de Janeiro o supra-sumo da vanguarda brasileira —, ela fixou-se no corpo feminino, em sua condição de objeto, e banuiu de seus quadros o rosto de suas personagens. Muito cedo, Regina foi catapultada à condição de grande artista. O poeta Carlos Drummond de Andrade comentou sua obsessão em pintar nós, durante os anos

Regina Vater: dedicação aos mitos indígenas

70, de forma magistral: “Regina fala do sentido da corda que aprisiona e sufoca e convida a transportá-lo, convergendo o nó em laço”. Regina, hoje com 45 anos, participou das bienais de São Paulo e Paris de 1967 e recebeu o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna de 1972. A partir de então, viveu fora do país boa parte da vida, até se fixar definitivamente nos Estados Unidos, em 1979. Lá, com uma bolsa da Fundação Guggenheim, continuou perseguindo seus mitos.

Regina atuou em empresas de artes gráficas, deu cursos sobre arte brasileira, ensinou crianças em escolas públicas. “Cheguei

até a trabalhar numa revista roqueira em Nova York”, conta ela com humor. Casada com o artista plástico americano Bill Lundberg, Regina deixou Nova York há dois anos e se mudou para Austin, Texas, onde Lundberg se tornou professor da universidade local. Apesar das intensas atividades paralelas, a artista brasileira realizou várias exposições nos Estados Unidos. É o caldo dessas mostras que Regina apresenta no

MAC, numa inédita retrospectiva de sua produção americana.

Uma das instalações presentes no MAC, *Jabuti no Paraíso*, ocupa toda uma parede e mistura fotos compradas da Nasa — em que um estranho objeto voador não identificado (naturalmente um casco de tartaruga) acoplado artificialmente por técnicas de laboratório paira no espaço — a peles de animais transformadas em obra de arte pela ação de minúsculas molduras. Ao mesmo tempo que denuncia — a vida é grande demais para ser enquadrada —, Regina aponta caminhos: a velha tartaruga, sustentando o mundo, do alto de sua sabedoria e solidariedade. *Civilidades da Selva* mostra que a Regina madura é ainda mais radical que a artista excêntrica dos anos 60.